****

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADE**

**LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**Jonatas Souza Andrade**

**Reflexões sobre a existência humana em Arthur Schopenhauer**

Artigo apresentado como requisito final para a conclusão da disciplina de TCC, sob orientação do Professor Dr. Eduardo Sugizaki.

**GOIÂNIA**

**2021**

**Agradecimentos**

A Deus, nosso criador sendo ele criativo nesta tarefa. A consciência que me deste foi meu sustento dando-me coragem para questionar a realidade e propor sempre um novo mundo de possibilidades, а minha mãe Maria Conceição, e meu padrasto Antônio César е аоs meus irmãos.

Agradeço à minha mãe Maria que batalhou muito para me oferecer uma educação de qualidade.

Ao meu padrasto Antônio, que sempre me acompanhou e nunca negou uma caminhada. Aos meus irmãos e irmãs, que me fizeram rir em tempos de puro estresse.

A todos os meus professores, que durante anos compartilharam seus conhecimentos comigo, obrigada.

Agradeço em especial o meu orientador, Eduardo Sugizaki, que sempre me proporcionou um crescimento acadêmico, obrigada por sua grande paciência e compreensão nessa caminhada. Agradeço ao Prof. Amarildo Pessoa e Profa. Polliana Pires, que compuseram a minha banca de avaliação do presente artigo. Agradeço também ao Prof. Márcio Beltrão, que fez a revisão gramatical e ortográfica.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica pela oportunidade de fazer o curso de filosofia, que somente foi possível pela bolsa disponibilizada pela mesma, e por oferecer um ambiente de estudo saudável e muitos estímulos para participar de atividades acadêmicas.

Sou grato ao pessoal do departamento de formação de professor e humanidade, desde a secretaria à portaria, por sua assistência e paciência. A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha formação.

A todos os colegas que consegui durante o curso e que contribuíram tanto para minha formação acadêmica quanto pessoal.

**Reflexões sobre a existência humana em Arthur Schopenhauer**

**Reflections on human existence in Arthur Schopenhauer**

Jonatas Souza Andrade[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** O presente artigo, enquanto Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia da PUC Goiás, tem por objetivo apresentar sinteticamente os aspectos da obra de Arthur Schopenhauer atinentes à experiência humana de sua própria existência. Ao apresentar o que esse autor pensa da relação entre a dor, o prazer e a felicidade, as relações entre tédio e desejo, a relação entre a dor pessoal e a universal e as relações entre amor e sexualidade, reúnem-se os elementos para tornar compreensível o pessimismo schopenhaueriano quanto ao sentido ou à falta de sentido da vida humana. Esse conjunto de elementos teóricos é, por sua vez, mobilizado para apresentar sinteticamente o modo como o autor compara e avalia as proposituras fundamentais de três grandes religiões, o cristianismo, o budismo e o hinduísmo, a propósito dos temas fundamentas de justificação e inteligibilidade da existência humana, aqueles primeiramente abordados.

**Palavras-Chave:** Schopenhauer, sentido da existência humana, pessimismo filosófico.

**Abstract**: This article, as a Final Paper for the Licentiate Degree in Philosophy at PUC Goiás, aims to present synthetically the aspects of Arthur Schopenhauer's work pertaining to the human experience of his own existence. By presenting what this author thinks about the relationship between pain, pleasure and happiness, the relationship between boredom and desire, the relationship between personal and universal pain and the relationship between love and sexuality, the elements are brought together to make Schopenhauerian pessimism regarding the meaning or lack of meaning in human life is understandable. This set of theoretical elements is, in turn, mobilized to synthetically present the way in which the author compares and evaluates the fundamental propositions of three great religions, Christianity, Buddhism and Hinduism, regarding the fundamental themes of justification and intelligibility of the human existence, those first addressed.

**Keywords**: Schopenhauer, meaning of human existence, philosophical pessimism.

**Introdução**

É necessário saber alguns pontos importantes sobre o filósofo Arthur Schopenhauer antes de dar início às reflexões e análises sobre seu pensamento. É indispensável saber que ele não entende que sua obra foi apenas mais uma entre outras, pois ela expressa os frutos da sua busca incessante da verdade, como atemporal e incondicional, visto que, para ele, ela é a estrela-guia da filosofia.

É também necessário saber que o pessimismo de Arthur Schopenhauer não nasce de suas experiências individuais na vida, e sim de uma reflexão metafísica. A motivação real de seu pessimismo está na sua metafísica da Vontade, e seu pessimismo filosófico não faz considerações de valores e nem aponta uma decadência histórica, nem mesmo se baseia na descrença em Deus ou deuses. Seu pessimismo filosófico fundamenta-se no caráter auto-discordante da coisa-em-si.

Para ele, o mundo não é o melhor dos mundos possíveis e a sua não existência é preferível à sua inexistência, visto carregar em si um caráter de culpabilidade e de dor. Isso ocorre porque o ser humano oscila entre o desejo e o tédio durante toda a sua existência. Sua vontade é um ímpeto que sempre o obriga a desejar e, sempre que deseja, sofre por não ter o objeto do seu desejo. Quando por fim consegue obter o objeto do desejo, depara-se com o fato de que aquilo que sempre desejou, não era como imaginava, e assim mergulha no tédio que o leva a sofrer novamente até que passa a desejar algo novo e sofre por não o possuir. Por esse motivo, nenhuma aparente satisfação é suficientemente capaz de acalmar a totalidade dos anseios, de alcançar uma meta final.

Ao conceber a essência íntima de cada indivíduo como a fonte de toda dor e sofrimento e abrangendo essa essência para o mundo, Schopenhauer emoldura a essência do mundo como sofrimento. Toda felicidade é parca e negativa, enquanto a dor é constante e positiva, e, quando não é ela que atormenta a nossa vida, tem-se o outro polo do sofrimento, que é o tédio. A vida, destituída de qualquer finalidade e sentido, pede pelo aniquilamento do pior dos mundos possíveis. A vida é por natureza um mar de dor à espera da maior de todas, a morte, e a nossa razão que nos dá consciência do tempo nos faz sofrer em antecipação.

**O Sentido da vida e a dor**

Para Schopenhauer, a dor é o próprio propósito da vida. Aos seus olhos, é um absurdo a vida ser cheia de misérias e ter um propósito maior que a infinita dor que é inerente à vida humana. Para que a vida tenha um propósito, é necessário que seu propósito seja maior que a própria vida, ou seja, o sentido da coisa não se encontra nela mesmo, e sim, para além dela. Como para Schopenhauer não existe nada maior que a dor, que possa dar sentido a ela, a própria dor torna-se o sentido de tudo à sua volta, ou seja, da vida. Sendo assim, a vida é insuportável em si mesmo. Por esse caráter de dor sem fim, o mundo não é o melhor dos mundos possíveis e a sua não existência é preferível à sua existência. Assim também a vida de cada indivíduo vale menos que o oblívio, o nada, a inexistência.

Esse pensamento é compreensível, tendo em vista a essência da vontade autocontraditória dos seres, assim como do mundo. A vida não passa de um breve momento de sofrimento, onde a dor é natural, e logo a vida é arrastada para a inexistência pela morte, fica então a dúvida: Se todos os homens marcham para a inexistência, não seria melhor nunca a ter deixado? Se manter eternamente no abraço sem fim do oblívio, não seria melhor que a breve e efêmera vida de sofrimento? Outro ponto fundamental da filosofia de Schopenhauer é que a dor não é particular e sim universal. Mesmo que a dor sempre se apresente como uma exceção, a desgraça geral é a regra.

Uma crítica de Schopenhauer a respeito da dor na religião cristã é o fato de que segundo ele a dor no cristianismo é individual, e não universal, e ela cai sobre cada um em proporção aos seus atos. (PETRICH, 2011). Entretanto, a dor apresentada no cristianismo é universal, e isso fica claro na Revelação Judaica: quando Deus condena Adão à dor do trabalho e à sua futilidade, Ele também condena toda a humanidade junto com Adão; quando Ele condena Eva à dor do parto, condena com ela todas as mulheres; assim também, quando condena a própria natureza que estava sobre a tutela da humanidade, Ele a condena perpetuamente. Veja-se o texto do livro do Gênesis (3, 16-19).[[2]](#footnote-2)

E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.

Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.

A Carta aos Romanos (8, 20*)*, mostra bem que essa ideia continua sendo adotada no Novo Testamento. “Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou”.

**A Existência**

Schopenhauer nos propõe uma reflexão sobre a geração. Ele nos diz para imaginar o ato de geração sem a influência da necessidade e da voluptuosidade, mas sim como um caso de pura reflexão. Se os homens dependessem apenas da reflexão, da razão, a raça humana subsistiria? Não iremos através da razão chegar à conclusão de que o nada é melhor que uma vida de dor? Não seria algo semelhante a esse pensamento que as famílias modernas chegaram, ao reduzir a cada ano a taxa de natalidade em quase todos os países?

Esse pensamento pode refletir parte do seu entendimento sobre a ideia de um criador. Ao refletir sobre duas hipóteses, o criador como Deus e como demônio, ele diz:

Se um Deus fez este mundo, eu não gostaria de ser esse Deus: pela miséria do mundo esfacelar-se-ia o coração. Imaginando-se um demônio criador, ter-se-ia, portanto, o direito de lhe gritar mostrando-lhe a sua obra: "Como ousaste interromper o repouso sagrado do nada, para fazer surgir uma tal massa de desgraça e de angústias?" (SCHOPENHAUER, 2014)[[3]](#footnote-3)

Assim, Schopenhauer afirma que a humanidade pode um dia chegar a conclusão através da razão, que seria melhor não nascer, e não daria continuidade à existência humana, para poupar a futura humanidade dos sofrimentos inerentes à vida. Se tirarmos de nossos ombros todas as ilusões passageiras da vida, vermos tudo como algo passageiro em direção de um fim inevitável, acabaremos por perceber que todas as obras de nossas mãos só nos causam dor antes de partirmos para o fim e que tudo que surge no mundo marcha em direção ao seu fim desde o momento de seu nascimento.

**A felicidade e a dor**

Para Shopenhauer, o bem-estar é negativo e só a dor é positiva. Tais afirmações são simples de se compreender. Para o autor, tudo que se ergue diante de nossa vontade, tudo que a resiste é desagradável e doloroso. Sentimos essa dor e desgosto muito nitidamente em todos os momentos da vida. Os momentos de dor nos parecem sempre longos e intermináveis, enquanto os momentos felizes são fugidios e rápidos em nossas vidas. Na maior parte do tempo, não somos nem mesmo capazes de notar nosso próprio bem-estar, pois ele nos nega a capacidade de sentir. Entretanto, a primeira dor que sentimos nos devolve essa capacidade de sentir, e por isso a dor é positiva.

Se só a dor é positiva, o bem, a felicidade e as satisfações são negativas, porque nos fazem suprimir um desejo e dar fim a um desgosto. Para Schopenhauer, a felicidade não corresponde à ideia de júbilo ou de alegria, sendo essas ideias comuns de felicidade impossíveis em um mundo de dor. O conceito de felicidade desenvolvido por Schopenhauer tem por fundo a prudência e a ética se relacionando com a paz interior.

**As Religiões**

Schopenhauer afirma que Brama produz o mundo por um tipo de pecado ou desvario, e ele mesmo permanece no mundo para expiar o pecado, até que seja redimido e volte ao seu estado original. Para ele, essa é uma explicação aceitável. Imaginemos Brama, como uma força primordial e imutável, que por um erro em seu comportamento, que nunca havia mudado, dá início a algo novo, e agora deve corrigir essa mudança que não corresponde ao estado original de inexistência do mundo. Podemos imaginar uma programação que possui uma função, e por um erro, produz algo diferente, e ao tentar rodar a programação original, de modo forçoso busca retirar a anomalia, a qual seria a própria existência.

No Budismo, o mundo nasce em seguida a uma perturbação inexplicável, que se produz após um longo repouso nessa claridade do céu, do Nirvana, que é, a se analisar, o Divino Nada. Como não havia mundo, não havia dor, e esse era o mundo perfeito. Mas por um acidente inexplicável, o mundo surgiu, e com ele a dor e o tédio. Assim, na compreensão de Schopenhauer, o Budismo é uma explicação aceitável, ao considerar que o próprio cosmo é tédio e os erros morais tornam mesmo o mundo físico pior, até ter tomado a sua triste forma atual.

O erro de uma força primordial ou uma perturbação inexplicável do Divino. Nada é aceitável, mas um Deus como Jeová, que anima e causa, por seu bel-prazer, e voluntariamente produz este mundo de miséria e de lamentações, e que ainda se felicita por sua criação, não pode ser aceito? “Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas” (Apocalipse 4: 11)*.*

Entretanto, segundo a linha de raciocínio do própria Schopenhauer, há uma grande semelhança no princípio do sofrimento nesses três pensamentos: o princípio do estado perfeito o Nada Divino no budismo; a força primordial e única do hinduísmo; e a vontade única de Jeová, a qual mantinha tudo em estado perfeito, pois nada contrariava sua vontade. A ideia do erro acontece nos três casos. A grande diferença é que, nas duas primeiras narrativas, o erro é do próprio criador, e na última, o erro é da criatura. Como o próprio Schopenhauer aponta, nos dois primeiros casos, há uma acusação amarga contra o Criador, que dá margem para o sarcasmo. A hipótese judaico-cristão, por sua vez, é uma acusação contra o nosso ser e nossa vontade.

Outro ponto a se observar, e que assim como no hinduísmo, o criador no cristianismo se prontifica para resolver a alteração que houve na forma original do mundo.

**A Vida**

Segundo Shopenhauer,a vida é uma coisa miserável e ele relata que se dispôs a seguir vivendo apenas para pensar sobre ela. Ele já tinha esse propósito aos 23 anos, e isso resume sua postura peculiar em relação à vida, a qual se tornou para a posteridade uma filosofia da vida (KOßLER, 2012). Para Schopenhauer, não há nada fixo na vida, nem dores sem fim, nem alegria eterna, nem impressão permanente, nem entusiasmo duradouro, nem resolução elevada que possa durar toda a vida! Tudo se dissolve no decorrer da vida. Os momentos são fragmentos de cada uma das nossas ações, e são os vermes roedores que devastam tudo quanto é grande e ousado em nossas vidas. Quando desejamos algo grande em nossas vidas, o buscamos com toda nossa vontade a cada momento, o que nos leva a sofrer, mas quando por fim conseguimos, nunca é aquilo que imaginamos ser, e essa decepção é como vermes que dissolve tudo quanto é elevado em nossas vidas. E por isso, nada deve ser tomado tão a sério na vida humana que nos fizesse sofrer mais do que é natural, pois o pó não vale esse trabalho.

Todos nós, sejamos grandes homens ou mulheres, ou mesmo os menores entre nós, não consegue desfrutar de uma vida por ela mesmo, sempre buscamos aquilo que está além de nós, seja o inalcançável ou não, arquitetando nosso futuro imaginável, raramente conseguimos manter nossa mente no presente, sempre indo ou vindo de algum lugar, nesse movimento sem fim de esforços intermináveis. Seja esse esforço a busca do conhecimento, ou saciar desejos animais, todos estão fixados em alguma coisa, ou em alguém. Como se fosse dependente de um vício, os homens seguem focados em objetivos constantemente e, muitas vezes, não compreendem com clareza as razões pelas quais perseguem os seus fins.

Para muitos, esse pensamento pode ser desanimador. Entretanto, tomado a uma medida prudente, pode ser uma prática de pensamento agradável na vida atribulada dos dias atuais, onde o esforço para se ter uma vida melhor, e cada vez melhor, acaba por roubar essa mesma vida e a transforma em um mar de dores além do natural.

**O Tempo**

O nosso autor nos convida a considerar a vida como uma grande mentira, e não apenas uma mentira, mas uma mentira contínua em todas as escalas da vida, nas grandes e pequenas coisas. Ele diz que Prometheus, o titã que no mito grego concedeu o fogo a humanidade, o fez para mostrar o quanto o desejo era pouco desejável. O desejo da humanidade pelo fogo era apenas uma grande mentira, pois a magia do fogo estava no fato dos humanos não o possuírem, no momento que a humanidade recebeu o fogo real, lhes foi tomado o fogo mágico que eles tanto desejavam.

Assim, a magia da distância entre fogo e humanidade apresentava aos homens um paraíso. Com isso, ele nos diz que a felicidade está sempre no passado, ou no futuro, pois esses são os pontos mais distantes que podemos pensar. As grandes religiões nos falam sobre essa felicidade distante no passado e no futuro, e o presente é como uma pequena nuvem sombria, que o vento impele sobre a planície cheia de sol; diante dela, no futuro, e atrás dela, no passado, tudo é luminoso, só ela projeta sempre uma sombra.

Esse é um grande problema, pois para Shopenhauer, e qualquer um que pense a respeito, o homem só vive no presente, quem foge para o passado afunda-se na morte, salvo as consequências que podem refletir-se no presente, pois o passado está completamente morto, e por isso deveríamos ser indiferentes em relação ao passado.

Se o passado está morto, o presente é uma sombra que cobre nossos dias: o futuro é a morte. A cada momento que caminhamos em direção ao futuro, ele se torna passado, e como dito antes, o passado está morto.

E assim como sob o ponto de vista físico o andar não é mais do que uma queda sempre evitada, da mesma maneira a vida do corpo é a morte sempre suspensa, uma morte adiada, e a atividade do nosso espírito um tédio sempre combatido... É preciso enfim que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento e ela não faz senão brincar com a presa antes de a devorar. É deste modo que seguimos o curso da nossa existência, com um interesse extraordinário, com mil cuidados, mil precauções, durante todo o tempo possível, como se sopra uma bola de sabão, aplicando-nos a enchê-la o mais que podemos e durante muito tempo, não obstante a certeza que temos de que ela acabará por rebentar! (SCHOPENHAUER, 2014)[[4]](#footnote-4)

**O Amor**

O nosso autor nos convida a considerar a vida como uma grande mentira, e não apenas uma mentira, mas uma mentira contínua em todas as escalas da vida, nas grandes e pequenas coisas. Ele diz que Prometheus, o titã que no mito grego concedeu o fogo a humanidade, o fez para mostrar o quanto o desejo era pouco desejável. O desejo da humanidade pelo fogo era apenas uma grande mentira, pois a magia do fogo estava no fato dos humanos não o possuírem, no momento que a humanidade recebeu o fogo real, lhes foi tomado o fogo mágico que eles tanto desejavam.

Assim, a magia da distância entre fogo e humanidade apresentava aos homens um paraíso. Com isso, ele nos diz que a felicidade está sempre no passado, ou no futuro, pois esses são os pontos mais distantes que podemos pensar. As grandes religiões nos falam sobre essa felicidade distante no passado e no futuro, e o presente é como uma pequena nuvem sombria, que o vento impele sobre a planície cheia de sol; diante dela, no futuro, e atrás dela, no passado, tudo é luminoso, só ela projeta sempre uma sombra.

Esse é um grande problema, pois para Shopenhauer, e qualquer um que pense a respeito, o homem só vive no presente, quem foge para o passado afunda-se na morte, salvo as consequências que podem refletir-se no presente, pois o passado está completamente morto, e por isso deveríamos ser indiferentes em relação ao passado.

Se o passado está morto, o presente é uma sombra que cobre nossos dias: o futuro é a morte. A cada momento que caminhamos em direção ao futuro, ele se torna passado, e como dito antes, o passado está morto.

E assim como sob o ponto de vista físico o andar não é mais do que uma queda sempre evitada, da mesma maneira a vida do corpo é a morte sempre suspensa, uma morte adiada, e a atividade do nosso espírito um tédio sempre combatido... É preciso enfim que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento e ela não faz senão brincar com a presa antes de a devorar. É deste modo que seguimos o curso da nossa existência, com um interesse extraordinário, com mil cuidados, mil precauções, durante todo o tempo possível, como se sopra uma bola de sabão, aplicando-nos a enchê-la o mais que podemos e durante muito tempo, não obstante a certeza que temos de que ela acabará por rebentar! (SCHOPENHAUER, 2014)[[5]](#footnote-5)

**Referências Bibliográficas**

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. Sociedade Bíblica do Brasil. Tamboré Barueri, SP, 2001.

BRASIL ESCOLA, Taxa de natalidade e taxa de mortalidade, Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/taxa-natalidade-mortalidade.htm>, acessado em15/11/2021 às 11:41.

KOßLER, Matthias. “A vida é apenas um espelho” – o conceito crítico de vida de Schopenhauer. **Ethic@**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 17 – 30, julho de 2012.

PETRICH, Lademir Renato. A busca da verdade como critério definidor da relação entre filosofia e religião no pensamento de Arthur Schopenhauer. **Plura, Revista de Estudos de Religião**, vol. 2, nº 2, p. 166-180, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte; Metafísica do amor; Do sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. Metafísica do amor. Metafísica da morte. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. Dores do mundo. O amor. A morte. A arte. A moral. A religião. A política. O homem e a sociedade. São Paulo: Edipro, 2014.

1. Licenciado em Filosofia pela PUC Goiás. [↑](#footnote-ref-1)
2. Utilizo o sistema universal de citação das passagens bíblicas e não o sistema da ABNT porque o primeiro é de muito mais amplo conhecimento, o que facilita para o leitor a localização da citação. [↑](#footnote-ref-2)
3. Não é possível determinar a página porque o livro utilizado é um PDF redigitalizado, que não preserva a paginação original do livro. [↑](#footnote-ref-3)
4. Não é possível determinar a página desta citação em função da razão explicada na nota anterior. [↑](#footnote-ref-4)
5. Não é possível determinar a página desta citação em função da razão explicada na nota anterior. [↑](#footnote-ref-5)